

instituto de arte e arquitetura

diretor proprietário
expedito godoy castro

assistente
isabel figueiredo godoy

secretário
rui veloso dos anjos

redação e administração:
rua augusta, 464 - fone: 34-3693
são paulo

★

neste número

waldemar cordeiro
rino levi
oswaldo arthur bratke
roberto goulart tibau
forma
paulo becker
rafael de oliveira
h. campos
decio pignatari
masami kuni

★

rio de janeiro - diretor: josé godoy quintão
av. churchill, 97 - sala 604

belo horizonte - diretor: geraldo godoy castro
ed. i. a. p. i. - 11.º and - fone: 4-1339

curitiba: josé felipe engles
rua candido lopes, 205 - conjunto 85

recife - arq: waldecy fernandes pinto
edifício "inalmar" - 6.º - telefone: 6318

são salvador: arq. ubirajara ribeiro
rua newton prado, 21 - fone 7030

número avulso cr\$ 15,00
número atrasado cr\$ 20,00
assinatura 12 n.os cr\$ 180,00

clichês: fortuna

impressão: gráfica são josé

arquitetura e arte

os problemas culturais podem ser abordados de dois modos que, em substância, nada mais são do que dois aspectos, ambos igualmente necessários do mesmo problema: através de uma exploração livresca, baseada na experiência já consagrada de outras nações, ou, diversamente, partindo de dados reais e circunstanciais, próprios e característicos do nosso momento e do nosso meio. há intelectuais, entre nós, que só sabem falar de arte em termos de mondrian e kandinsky, e de arquitetura citando gropius e le corbusier. são os consumidores de tipo a, que só privam com gênios, supondo que nós, os artistas, os julgamos por essa companhia e não por aquilo que eles mesmos são e deram. algo diferente é, no entanto, a posição de quem tem a tarefa de produzir e não apenas consumir a arte. a solução, a meu ver, está em aproveitar o melhor daquilo que outros fizeram, para resolver o nosso problema imediato. o passado deve servir ao presente, sem recíprocas. pois, bem, as relações entre a arquitetura e a arte, entre nós, são francamente péssimas.

os artistas entendem a arquitetura na experiência direta: olhando, falta-lhes — e não somente a eles — um conhecimento mais profundo e também mais geral, que destaque os conteúdos dos fatos mais característicos, e confira ao panorama da arquitetura aquela diversificação e luta de sentidos que a inspira no próprio desenvolvimento da cultura e a relacione com as outras artes. é evidente a carência de uma elaboração crítica adequada à divulgação e à compreensão.

os arquitetos, por outro lado, entendem a arte como um fato em certa medida estranho à sua atividade criadora ou, pelo menos, assim parece. e, se tivéssemos que ser mais francos, diríamos que o arquiteto, genericamente falando, prefere, às vezes, considerar-se técnico, antes que artista. isso se realmente corresponder à realidade (esperamos estar enganados), poderia encontrar uma explicação fácil no fato de que o artista, no brasil, socialmente falando, ainda é um pouco aquele boêmio que se compra com uma cachaça. ora, a dignidade da profissão, de nível universitário, estaria comprometida por esta colocação na hierarquia social, especialmente num país onde o poder econômico é quase absoluto e os clientes da arquitetura só podem pertencer à chamada alta burguesia.

se fôsse permitido a nós, que não temos "crea", dar palpite, diríamos que é justamente essa veleidade de técnico que enfraquece a posição profissional do arquiteto. somente o conteúdo cultural e artístico pode caracterizar a arquitetura como uma atividade distinta da engenharia, e necessária por ela mesma. a arquitetura surge, então, como a contradição — dialética — cultural e psicológica, da racionalidade da técnica de construir. de resto é êste um debate que dura há mais de um século.

essas considerações, que podem parecer descabidas pelo fato de serem feitas por um mero observador, visam tão somente e com toda a modéstia, criar um maior interesse dos arquitetos pelas artes, como se deu nos momentos mais brilhantes do desenvolvimento da arquitetura moderna, na hollandia, na alemanha e em outros países, quando as conquistas eram obtidas e partilhadas em comum por todas as artes. é principalmente nos livros de história da arquitetura que encontramos o maior número de referências à arte visual de vanguarda. de resto, somente um tecnicismo absolutamente míope poderia conceber uma história da arquitetura moderna sem referências ao suprematismo, ao néo-plasticismo, ao construtivismo e a outras tendências das artes visuais. resta ver, num plano nacional, quais as coordenadas básicas de uma história da arquitetura, e qual o lugar conferido às artes.

waldemar cordeiro